

Por que a igreja deixa de ver os problemas das crianças?



Débora Fatur:

Não é só a igreja (como instituição) que não vê, ou não trata problemas específicos das crianças. Infelizmente nossa educação e nossa sociedade desconsideram a legitimidade da palavra ou do sentimento da criança. Sempre aprendemos que correta é a palavra do adulto, sendo ele (a) pastor, professor, pais, padres, etc. Não fomos acostumados a entender que muitas vezes a resposta está na simplicidade de uma criança.

Rubem Amorese:

Minha experiência eclesial recente é peculiar e pode trazer um aspecto interessante sobre o tema. Refiro-me ao fato de haver participado da criação de uma igreja (a IPP), há 25 anos. Lembro-me que um dos motivos era os filhos que teríamos. Éramos um grupo de jovens casais. À época não os tínhamos ainda. Hoje são adultos.

O que posso relacionar dessa longa caminhada com a questão colocada é que nossos interesses e nossa atenção caminhou conosco. Assim, nos primeiros dez anos de existência de nossa igreja, a pergunta acima não faria sentido. Não seria verdade que deixávamos de ver os problemas das crianças.

Na verdade, toda a direção da igreja estava cuidando de crianças. Fosse como pais, fosse como direção. Mas o tempo passou e nossas crianças se tornaram adolescentes. E nossa atenção os acompanhou.

Tornamo-nos uma igreja forte na atenção aos adolescentes. Depois, no cuidado com os jovens; depois com os universitários; depois com os profissionais iniciantes. Hoje começamos a pensar em nós mesmos, em geriatria.

Nunca nos esquecemos das crianças, mas o foco foi mudando. Essa constatação me leva a pensar no fator “identificação”, no trato dos problemas da igreja. Temos um forte departamento infantil. Tocado pelos pais de crianças e de adolescentes de hoje. E esse também é um problema, pois os pais de hoje pensam um pouco diferente de nós.

O compromisso com o reino é bem relativizado. Se valia a preocupação de criar uma igreja que cuidasse de nossos filhos como pretendíamos cuidar deles em casa, vejo que, embora a regra permaneça, ela se tornou perversa, pois a forma como os pais cuidam de seus filhos em casa já não é, na média, um bom padrão para a igreja. As coisas mudaram.

Sobre a criança de fora, já não posso me estender. Minha igreja não as vê. Não saberia dizer se deveria ou não vê-las. Mas não há nenhuma ação concreta no sentido de enxergá-las. De fato, nos são invisíveis. Talvez algumas sejam atendidas, parcialmente, ao serem atendidas suas famílias, por meio de nosso projeto social, que atende a 30 famílias. Também, por nossa ação “paroquial” na quadra (vizinhança da igreja), que as atrai para a igreja.

Mas é possível dizer que como crianças, com suas necessidades peculiares, as de fora da igreja nos são invisíveis.

Isabelle Ludovico:

As crianças são ensinadas pela Igreja, mas não se tem a humildade de aprender com elas. São tratadas como um apêndice da Igreja e não como um tesouro confiado por Deus. A Igreja não sabe como lidar com o problema do abuso sexual de crianças, por exemplo, e prefere ignorar a enfrentar, reconhecendo e tratando abusados e abusadores.

Zenon Lotufo Jr:

A pergunta é pertinente e a resposta exige que se façam distinções:



1) pode-se pensar nos problemas dos filhos dos próprios membros das igrejas para os quais se propõe frequentemente uma educação autoritária e punitiva, ou, por outro lado, nos problemas das crianças “desassistidas” e em situação de risco;

2) é preciso levar em conta que há igrejas (talvez a minoria) que se preocupam com a grave questão destas crianças e que apoiam ministérios que se dedicam à tarefa de resgatá-las, ao lado de muitas outras igrejas que, realmente, sequer se dão conta do problema. Quanto ao porquê disso, vou me referir a apenas um dos muitos aspectos da questão: trata-se da “psicoteologia do mundo justo”, isto é, no íntimo, muitos cristãos veem a situação dos deserdados com os mesmos olhos com que os discípulos viram o moço cego de que temos notícia em João 9.

Sob essa perspectiva, a pessoa – no caso, a criança – vitimada pelo destino estaria tão somente sofrendo as consequências dos pecados próprios ou de seus pais.

De certa forma, sua triste situação seria resultante da vontade soberana de Deus. Sobre tal pano de fundo, não pode haver muita motivação para a luta contra esse trágico estado de coisas.

Carlos Queiroz:

Fui criança numa igreja evangélica de periferia. Na nossa comunidade as crianças foram sempre muito bem acolhidas. Elas não eram apenas acolhidas para as atividades da igreja. A igreja, mesmo sendo composta de pessoas pobres, propiciava às crianças outras atividades como: reforço escolar, recreação, gincanas, passeios culturais, participação em atividades artísticas, etc... Sou profundamente grato a Deus pela igreja que participei na infância.

Ao que me parece, as igrejas evangélicas - seja pela concorrência religiosa, seja pelo modelo empresarial voltado para o fortalecimento institucional - perderam o foco na missão de servir, principalmente as crianças e aos pobres. Muitas igrejas se transformaram em empresas religiosas mantidas por clientes potencialmente capazes de pagar a conta do negócio religioso. Como as crianças não estão em fase de produção econômica, são delegadas a um plano secundário, ou totalmente esquecidas. Algumas igrejas atendem as crianças como forma de cativação dos pais, e não por perceber a importância da criança como agente prioritário do Reino de Deus.

Se pensamos nas crianças pobres, o problema fica mais grave. Porque neste caso nem as crianças nem seus pais conseguem pagar a conta do negócio religioso. Se de um lado, quero alimentar um sentimento de indignação com a coisa religiosa, do outro lado, preciso expressar a minha alegria em perceber que muitos pobres (os mais pobres entre os pobres) e suas crianças estão libertas das indústrias da fé a serviço do ídolo de mercado. Graças à providência Divina, ainda há vários testemunhos de comunidades vivenciando os sinais do Reino de Deus acolhendo famílias pobres e suas crianças. A história vai se encarregar de testemunhar sobre estes sinais nas muitas "galileias dos gentios". Jesus de Nazaré ainda vive entre nós.

Onde Jesus não está não tenho expectativa de que as crianças sejam acolhidas. Nestes lugares, elas não terão acesso a nada - nem mesmo nem mesmo aos denominados elementos sagrados.

Siméa Meldrum:

Nós estamos trabalhando em Jardim Brasil, Olinda (PE), há quase 15 anos. E durante esse período, nosso trabalho só começou a fazer uma grande diferença quando começamos a olhar os problemas das crianças.

Iniciamos olhando os problemas dos adultos: não havia ninguém pregando o Evangelho dentro do Lixão de Olinda; as pessoas eram ignoradas por toda sociedade; etc. Então, nós começamos a dar o apoio que fosse possível para que elas fossem vistas e chegassem a se organizar como recicladoras. Foi aí que vieram organizações governamentais e não-governamentais e começaram a apoiar. Porém, poucas pessoas respondiam ao Evangelho.

Mas, a partir do momento que começamos a ver as crianças como fruto da situação daquele local, começamos a tocar as causas daquela região.

Aprendemos que quando a criança está negligenciada e abandonada é que a “terra está ferida com maldições” (veja Malaquias 4.6.). Os problemas das crianças são problemas da terra ferida. São complexos, profundos e históricos. E começam na família onde elas nasceram e como nasceram.

A linguagem e os paradigmas da Igreja Evangélica ainda estão sendo a grande dificuldade para ver a criança do nosso país. Elas têm de ser colocadas no meio da Igreja e serem recebidas com todos os seus problemas.

Nós estamos trabalhando com crianças de 2 a 16 anos, de segunda a segunda. Temos atividades para elas, todos os dias. Porque se elas não forem à igreja, existem grupos de tráfico ali fora tentando envolvê-las. E estamos concorrendo com eles; tentando alcançar a raiz do problema que está dentro da família. Creio que a Igreja

Evangélica está longe da criança brasileira e precisa conhecer de perto onde estão, como e onde nasceram as crianças.

Pois Deus quer enviar sua Igreja (profética) para curar esta nação. É com as crianças que a igreja aprende a ser o que ela foi chamada para ser. A Igreja Evangélica não está disposta a trabalhar com crianças porque é um investimento muito alto, sem retorno financeiro imediato. Também existe algo espiritual, sobre o Brasil, onde a criança é o alvo principal das potestades do mal, e isso está impedindo o avanço do Evangelho. Pois a Igreja Evangélica não percebe que a HAVE do Avivamento neste país está nas mãos destas crianças. Uma de nossas crianças, falando bem alto com seus coleguinhas dentro da igreja, disse: Minha mãe está grávida! E o amigo exclamou: De novo? E quem é o pai? E a criança respondeu: Sei lá! Ela sai com mil homens toda noite. Essa criança tinha apenas 4 anos. Hoje, ele tem 9 anos, e é um testemunho de fé e perseverança em nossa igreja. Muito inteligente e amado por todos. Se a Igreja não abrir seus olhos para as crianças do Brasil, aquelas que são a maioria, a igreja estará perdendo os tesouros que estão nascendo nessas circunstâncias.

Estas crianças vêm com um destino traçado pelas suas famílias e elas precisam ser alcançadas: “Para que os corações se convertam e a terra seja sarada”. “... Deixai vir a Mim os pequeninos e não os embarceis, porque dos tais é o Reino de Deus.” (Lucas 18: 16.)

Karl Kepler:

Penso que pela mesma razão porque não vemos os problemas das mulheres, dos negros, dos homossexuais, dos presos, do meio-ambiente, da política, etc. Tendemos a só enxergar o que nos atinge diretamente, e nossas crianças em geral são bem protegidas. Mesmo elas só são notadas quando "perturbam" o culto com barulho e correria, ou quando "alegram" o culto com suas apresentações. Nossas igrejas são dirigidas por nós, homens, geralmente brancos e bem adultos; somos geralmente prontos para falar, mas, salvo exceções, não somos muito bons em ouvir e perceber necessidades de outros grupos.

José Nilton:

Creio que, de forma geral, estamos tão ocupados com o universo adulto e com as questões pragmáticas da vida da igreja (administração, programações, projetos, etc) que pouca atenção damos (se damos alguma!) aos problemas das crianças! Pensando nas crianças da Igreja, confesso que vejo nisto um pecado, pois o nosso nível de desatenção para com as crianças será diretamente proporcional à sua relação e comprometimento com o Reino e a própria igreja enquanto organismo e instituição.

Ao considerar-se as crianças que estão para além dos portões da Igreja (que chamamos "crianças do mundo"!), guardadas as devidas proporções, os prejuízos para a sociedade são incalculáveis! Outro dia vi a um documentário na TV Cultura que dizia que o "Funk carioca" é produto da geração Xuxa e também da geração que dançou a "Dança da (boquinha) da garrafa"! Em outras palavras, não ver os problemas das crianças implica em semear - e semear mal - para o futuro!

Bráulia Ribeiro:

O conceito "criança" apesar de a definição do dicionário ser "adulto em fase de desenvolvimento", ou seja, um pré-adulto, se referindo à idade, deveria por implicação direta nos remeter à condição humana, mas na cultura brasileira está inferência não é tão clara. Vários sinais culturais, desde a vivência familiar até a própria legislação nos indicam que estes pré adultos são vistos no fundo, como uma "propriedade" dos adultos mais diretamente relacionados com eles e não seres humanos independentes, que apesar de não serem inteiramente formados, tem valor e direitos próprios.

A igreja brasileira, que é uma vítima da prisão que é a monolítica cultura nacional, não revisou este conceito. Estamos cegos ao valor intrínseco da vida da criança e ainda justificamos o evangelismo infantil como uma "ponte" para alcançar os pais. Não nos sentimos constrangidos a rever mecanismos sociais que nos remetem à indiferença para com o sofrimento infantil de crianças outras que não nos pertençam. Por isto é muito difícil alguém reagir ao saber de abusos e espancamentos sofridos pela criança do vizinho.

A mais invisível e mais ignorada de todas as crianças brasileiras é a criança indígena. Assim como os próprios indígenas adultos são considerados crianças pela constituição de 1988, tutelados pelo estado — traduza-se propriedade do estado —, as crianças indígenas então são completamente ignoradas. Na cabeça de grande parte dos indigenistas brasileiros, a criança indígena é um mero material de manuseio da cultura, que endeusada se torna mais importante dos que os seres humanos que a detém.

James Gilbert:

Falta de conhecimento do problema e da necessidade da criança no contexto da igreja local, o que significa que a liderança não está ensinando, pregando e ministrando para e sobre as crianças em risco. Esse problema, provavelmente, veio da história da prática da igreja de onde os pastores congregaram e do ensino nos seminários, ou seja, da falta de ensino.

Neusa Cezar:

O público alvo das igrejas são os adultos, creio que até por questões financeiras, são os que mantêm a igreja. Acredito que os adultos ainda não entenderam o valor real da criança, a ponto de ser delas o Reino de Deus. À criança ainda é dado o último lugar em termos de atenção, inclusive no culto. Ela não tem o direito de receber uma mensagem entre os adultos que a atinja. Tem que ter mensagem a parte. Ainda outro dia, uma coordenadora de trabalho com crianças em uma igreja estava aflita para conseguir um espaço físico em que bebês pudessem mamar, trocar fraldas ou até mesmo dormir (vários bebês), um espaço lúdico e banheiro adequado. Houve reformas belíssimas nos banheiros, mas não há banheiro para as crianças — e o que havia foi tirado; aliás, por várias vezes elas ficam presas por não conseguirem abrir as portas, não alcançam os vasos sanitários, nem a pia.

Há vários grupos instrumentais, mas nenhum pode acompanhar o trabalho infantil. O ruído infantil incomoda no culto, mas o volume dos instrumentos não. Enfim...acho que a igreja evangélica ainda precisa caminhar um pouquinho mais com Jesus.

Karin Wondracek:

Há uma repressão no adulto da sua vida infantil - em parte para não reviver certas angústias daquele tempo, em parte para se conservar “adulto”, ou “sério”, como manda o nosso padrão de comportamento. E, assim como isso acontece com o indivíduo, também um grupo, como a igreja, reprime a infância para não vivenciar a dependência, a angústia, a incerteza, mas com isso também perde a alegria, a criatividade e a afetividade.

Origem: Revista Mãos Dadas Edição 21.